

BÁRBARA CHINAGLIA TAGATA

**O PERFIL DOS PADRÕES MOTORES DE MENINAS QUE PRATICAM
GINÁSTICA RÍTMICA NA ESCOLA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. MS. Claudio Portilho Marques

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre estiveram presentes em minha vida e me estenderam a mão todas as vezes que precisei, e à minha família, que deixa muitas saudades.

Agradecimentos

Aos meus pais Margarete e Mário por todo o apoio, amor e dedicação nesses meus 21 anos. A minha irmã Carla, que apesar das brigas, me ajudou em muitos momentos.

A minha família que mora em São Carlos, que apesar da grande distância esteve sempre presente na minha vida. Agradeço especialmente minhas primas Ana Sílvia e Juliana, que me ajudaram na construção deste trabalho, não cabendo aqui palavras para expressar minha eterna gratidão por tudo que fizeram e fazem por mim.

As minhas duas grandes amigas Luana e Mariana por todo companheirismo nesses quatro anos de amizade, pelas brigas e discussões, que com certeza acrescentaram algo mais em minha vida.

Aos outros amigos da faculdade por toda paciência e pelas risadas.

As minhas amigas e companheiras de trabalho da GAPI, que me agüentaram nos momentos de cansaço, me ajudaram nos momentos de dificuldade, me auxiliaram na avaliação dos testes e acima de tudo pela amizade.

Ao meu amigo e orientador Portilho por toda paciência e trabalho dedicado. A Priscila, e a Vanessa, que mesmo de longe, muito me ajudaram.

Aos demais professores da faculdade, que contribuíram com a minha formação.

À Escola Municipal Papa João XXIII pelo acolhimento e disposição para a realização dos testes.

E enfim, a Deus que esteve presente em todos os momentos, sendo mais que um porto seguro.

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer...
Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor...*

Epitáfio - Titãs

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	VI
LISTA DE GRÁFICOS	VII
RESUMO	VIII
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 JUSTIFICATIVA.....	3
1.2 OBJETIVOS	4
1.2.1 Objetivo Geral	4
1.2.2 Objetivos Específicos	4
2. REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 DESENVOLVIMENTO MOTOR	5
2.1.1 Conceitos	5
2.1.1 Estágios de Desenvolvimento	7
2.2 GINÁSTICA RÍTMICA.....	8
2.2.1 Características do esporte	8
2.2.2 História	9
2.2.3 Ginástica Rítmica Competitiva	10
2.2.4 Ginástica Rítmica Escolar	11
2.2.5 Ginástica Rítmica no Brasil	13
2.2.6 Ginástica Rítmica no Paraná.....	14
2.2.7 Ginástica Rítmica em Curitiba.....	15
2.2.8 Principais Capacidades Desenvolvidas.....	15
3. METODOLOGIA	16
3.1 Sujeitos	16
3.1.1 Identificação dos Sujeitos.....	16
3.2 Instrumentos	18
3.2.1 Questionário	18
3.2.2 Teste de Padrões Motores Básicos de Movimento (TPMB)	19
3.3 Procedimentos	19
3.3.1 Questionário	19
3.3.2 Teste de Padrões Motores Básicos de Movimento (TPMB)	19
2. RESULTADOS	21
4.1 Teste de Padrões Motores Básicos de Movimento (TPMB)	21
4.2 Análise e Discussão dos Dados	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. REFERÊNCIAS	27
7. ANEXOS	32
ANEXO 01 CARTA DE SOLICITAÇÃO À ESCOLA.....	34
ANEXO 02 QUESTIONÁRIOS	36
ANEXO 03 FICHA DE AVALIAÇÃO.....	39

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – DIFERENÇAS CONCEITUAIS ENTRE HABILIDADE E CAPACIDADE	6
TABELA 02 - PERCENTUAL DE APROVEITAMENTO	18
TABELA 03 - APROVEITAMENTO DAS HABILIDADE MOTORAS BÁSICAS DE MENINAS PRATICANTES DE GINÁSTICA RÍTMICA	19
TABELA 04 - APROVEITAMENTO DAS HABILIDADE MOTORAS BÁSICAS DE MENINAS NÃO PRATICANTES DE GINÁSTICA RÍTMICA	19
TABELA 05 – MÉDIA PERCENTUAL DE CADA HABILIDADE MOTORA TESTADA.....	20
TABELA 06 - MÉDIA COMPARATIVA ENTRE PRATICANTES E NÃO PRATICANTES COM RELAÇÃO AS HABILIDADES LOCOMOTORAS E MANIPULATIVAS.....	19

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 TEMPO DE PRÁTICA DE GINÁSTICA RÍTMICA	17
GRÁFICO 02 PRÁTICA DE OUTRO ESPORTE ALÉM DA GINÁSTICA RÍTMICA.	17
GRÁFICO 03 PRÁTICA DE ALGUMA ATIVIDADE FÍSICA	18

RESUMO

(O PERFIL DOS PADRÕES MOTORES DE MENINAS QUE PRATICAM GINÁSTICA RÍTMICA NA ESCOLA)

A Ginástica Rítmica é um esporte essencialmente feminino que recentemente iniciou sua difusão no Brasil. É baseada em movimentos de flexibilidade e na coordenação dos movimentos naturais do corpo com o manejo dos aparelhos. Além disso, trabalha em diferentes modalidades como leveza, flexibilidade, força e destreza. Em seu aspecto competitivo é um esporte privilegiado, que possui habilidades motoras bem próximas da cultura corporal encontradas nas brincadeiras e nos jogos infantis, favorecendo assim, a possibilidade de ter vivências motoras sem que se inicie a habilidade precocemente. A sua prática na escola esta baseada na possibilidade de oferecer aos indivíduos a capacidade de vencerem seus próprios limites corporais, embutidos de prazer, num ambiente de liberdade e criatividade, contemplando ainda um grande espectro de habilidades motoras. Este estudo buscou pesquisar o perfil dos padrões motores de meninas que praticam ginástica rítmica na escola. Para esta pesquisa utilizou-se como sujeito oito meninas praticantes de GR e oito não praticantes, com idade entre 8 e 10 anos, de uma escola municipal de Curitiba. Como recurso, houve a aplicação de um questionário, a fim de compreender melhor o cotidiano das crianças, e um Teste de Desenvolvimento Motor Grosso, proposto por Ulrich (TGMD-2), que tem empiricamente determinado confiabilidade e validade, foi aplicado com a finalidade de avaliar o funcionamento motor grosso. Através destes testes foi possível perceber a grande influência positiva da ginástica rítmica no desenvolvimento motor de meninas, pois grande parte das habilidades testadas já faz parte do cotidiano das aulas.

Palavras chaves: Ginástica Rítmica, desenvolvimento motor.

1. INTRODUÇÃO

A Ginástica Rítmica (GR) é uma modalidade exclusivamente feminina que se baseia na expressividade artística. É conceituada como busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento e ritmo. Atualmente, esta modalidade tem se destacado como uma atividade múltipla que permite ao corpo o uso da arte, da criatividade e da capacidade física. (LAFFRANCHI, 2001, p.03).

Como desporto, a GR requer um alto nível de desenvolvimento de certas qualidades físicas, com exigências e rendimentos elevados, objetivando a perfeição técnica da execução dos movimentos complexos com o corpo e com o aparelho. (FAVARO, 2007).

O estudo do desenvolvimento motor na infância caracteriza-se pela aquisição de um grande espectro de habilidades motoras, que possibilita a criança um amplo domínio do seu corpo em diferentes posturas (estáticas e dinâmicas), locomover-se pelo meio ambiente de variadas formas (andar, correr, saltar, etc) e manipular objetos e instrumentos variados (SANTOS, DANTAS E OLIVEIRA, 2004). Estas habilidades básicas, são solicitadas para a condução de rotinas em casa e na escola, como também auxiliam na ludicidade, característica da infância. Além disso, estas habilidades (denominadas básicas) servem de base para a aquisição de habilidades motoras especializadas, que são muito utilizadas nos esportes, por exemplo. A Ginástica Rítmica, tanto em nível de competição, quanto na escola, trabalha diversas habilidades motoras das praticantes, que permite, ao mesmo tempo, que a criança coordene esses movimentos com a manipulação dos aparelhos. (corda, arco, bola, maçãs e fita).

A relação de interdependência entre as fases de habilidades básicas e de habilidades especializadas denota a importância das aquisições motoras iniciais da criança, que atende não só as necessidades imediatas na 1ª e 2ª infância, como traz profundas implicações para o sucesso com que habilidades específicas são adquiridas posteriormente. (id., 2004).

Portanto, os profissionais de iniciação esportiva e introdução à GR, devem ter o entendimento de que a vivência e o ensino de atividades motoras, e a conseqüente valorização da linguagem corporal são fundamentais no meio

educacional do movimento, para que desde pequenas as crianças desenvolvam capacidades e aprendam habilidades necessárias ao domínio e à consciência do próprio corpo; além da futura aquisição de habilidades especializadas.

Ainda que a literatura aponte a importância da Ginástica Rítmica no Desenvolvimento Motor de meninas entre oito e dez anos de idade, esta indicação está apenas no campo teórico. Em observações práticas, dirijo esse questionamento: há diferenças visíveis, no desenvolvimento motor, entre ginastas e meninas que somente participam das aulas de Educação Física?

1.1. JUSTIFICATIVA

O movimento para a criança é essencial para que ela possa interagir com o meio em que vive, e é sobre a infância, que muitos estudos de desenvolvimento motor se concentram, entretanto, quanto ao repertório motor no esporte, são poucas as pesquisas realizadas (SANTOS, DANTAS E OLIVEIRA, 2004).

A Ginástica Rítmica esteve presente durante toda minha infância. Comecei a praticá-la na escola como atividade extracurricular, e posteriormente passei para o treinamento de alto rendimento. Atualmente trabalho com a GR escolar e competitiva.

Dentro deste contexto, é intrigante investigar como a Ginástica Rítmica influencia no desenvolvimento motor geral das crianças e, conseqüentemente, oferecer subsídios para que profissionais da área possam difundir esse esporte tão pouco conhecido no Brasil.

Embora a ginástica tenha sido alvo de investigação em diversas áreas, como os estudos de Iglesias (2005) e Caçola e Ladewig (2005), entre outros, existe uma escassez de informação da sua relação com a área de desenvolvimento motor.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Verificar se há diferenças visíveis, no desenvolvimento motor entre ginastas e meninas que somente participam das aulas de Educação Física.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os padrões motores de ginastas (rítmica);
- Analisar o nível de desenvolvimento motor proporcionado pela Ginástica Rítmica;
- Discutir as principais vantagens que a Ginástica Rítmica pode proporcionar para as crianças, com relação ao desenvolvimento motor.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DESENVOLVIMENTO MOTOR

2.1.1 Conceitos

O desenvolvimento motor é um dos componentes presentes dentro do desenvolvimento do ser humano. De acordo com Campos e Brum (2004), “é comumente definido como as alterações no comportamento motor através do ciclo da vida.”

Para se compreender um pouco mais sobre este assunto, faz-se necessário a discussão de algumas definições e terminologias como desenvolvimento, desenvolvimento motor, aprendizagem motora, capacidade e habilidade.

Desenvolvimento, segundo Ladewig (2002), pode ser definido como

Mudanças nos níveis de funcionamento do indivíduo em decorrência da passagem dos anos. É um processo contínuo, que começa na concepção e termina com a morte, estudando-se o movimento durante a infância, adolescência e vida adulta, como um processo de toda a vida.

Para Lopes (1993), “O desenvolvimento (incluindo o desenvolvimento motor) está entre os processos mais plásticos que podem ser observados na natureza, talvez a mais plástica das nossas características hereditárias, pois existe uma adaptação bastante rápida à influência de vários fatores do desenvolvimento”.

Malina (1980 apud LOPES, 1993), afirma:

Um envolvimento particular é essencial para suportar o desenvolvimento normal, sendo assim realizado o potencial genético do indivíduo. O desenvolvimento pode, assim, ser inibido ou facilitado, evidentemente dentro dos limites estabelecidos pelo genótipo do indivíduo. A criança em desenvolvimento tem que adaptar-se às exigências impostas pelo seu envolvimento e, por seu turno, este envolvimento tem um impacto nos progressos da criança, assim, o desenvolvimento pode ser encarado como um produto da interação e, talvez, da covariância entre o indivíduo e o seu desenvolvimento.

Tendo a definição de desenvolvimento, passamos para um dos nossos objetos de estudo: o desenvolvimento motor. De acordo com Caetano, Silveira E Gobbi (2005, p.6), “desenvolvimento motor é um processo das alterações no nível de funcionamento de um indivíduo, onde uma maior capacidade de controlar movimentos é adquirida ao longo do tempo”.

Para Gallahue e Ozmun (2003), desenvolvimento motor “é a contínua alteração no comportamento ao longo do ciclo da vida, realizado pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente.”

Outra definição de extrema importância para este estudo é sobre aprendizagem motora, que segundo Oxendine (1968 apud IATCHUK, 1993, p. 25), esta incluída em muitas definições de aprendizagem: referem-se particularmente aos tipos de mudanças de comportamento envolvendo o movimento corporal.

Segundo o autor, a aprendizagem resulta entre a interação organismo e ambiente, sendo que a maturação biológica é condição necessária, mas não suficiente, para a aprendizagem e o desenvolvimento dos movimentos.

Dentro da grande esfera de conceitos sobre desenvolvimento humano, encontramos também definições sobre habilidade, que de acordo com Magill (2000), é “uma tarefa com uma finalidade específica a ser atingida”. Sendo assim, o autor completa que uma habilidade motora “exige movimentos voluntários do corpo e/ou dos membros para atingir um objetivo”.

Já a capacidade por outro lado, esta diretamente relacionada com a execução de uma habilidade motora, para Tani et. ali (1988 apud LADEWIG, 2002), esta “pode ser definida como sendo as características essenciais na execução de uma habilidade motora e que possuem traços genéticos. Estas características são estáveis e permanentes, sendo incorporadas em muitas habilidades motoras.”

A tabela abaixo apresenta de uma forma sintetizada, algumas diferenças conceituais entre capacidade e habilidade, citadas anteriormente.

TABELA 01 – DIFERENÇAS CONCEITUAIS ENTRE HABILIDADE E CAPACIDADE.

CAPACIDADES	HABILIDADES
Traços herdados	Desenvolvidas com a prática
Estáveis e permanentes	Modificáveis com a prática
Poucas em número	Muitas em número
Embasam a performance de muitas habilidades	Dependem dos diferentes subconjuntos de capacidades diferentes

FONTE: Schmidt (2001, p.45).

2.1.2 Estágios de Desenvolvimento

O desenvolvimento motor, como já citado anteriormente, é um processo longo e contínuo, que tende a ocorrer mais acentuadamente nos primeiros anos de vida. Sendo assim, existe uma grande tendência de considerar os estudos acerca do desenvolvimento motor, apenas focado na criança (CAMPOS e BRUM, 2004).

Partindo desta premissa, temos que o desenvolvimento motor apresenta uma seqüência que se estabelece com o surgimento de mudanças qualitativas durante o crescimento maturacional da criança, entretanto, segundo Tani s/d existem alguns fatores a serem considerados. A seqüência é única e invariável para todas as crianças, entretanto a velocidade de progressão varia de indivíduo para indivíduo.

A velocidade de progressão é uma característica essencialmente individual e cultural, desta forma, Bock e colaboradores (1999), enfatizam que “estudar o desenvolvimento humano significa conhecer as características comuns de uma faixa etária, permitindo-nos conhecer as individualidades”.

Analisando estes aspectos, de acordo com Campos e Brum (2004), pode-se dizer que “a atividade motora evolui dos movimentos mais simples para os movimentos mais complexos, devido a um processo de desenvolvimento do sistema nervoso”.

Continuando este raciocínio, Neto (1995 apud CAMPOS e BRUM, 2004), conclui que os primeiros movimentos de uma criança são reflexos e involuntários, pois o sistema nervoso não apresenta maturação suficiente para ter maior controle sobre a musculatura. Sendo assim, “os movimentos vão se tornando mais complexos à medida que a criança aprende a dominar uma série de ações e dar a elas um sentido coordenado e intencional” (CAMPOS e BRUM, 2004).

Harrow (1983, *apud* TANI, 1988, p. 67) elaborou uma taxonomia para o domínio motor, apresentando os seguintes níveis:

Movimentos Reflexos :respostas automáticas e involuntárias que permitem a sobrevivência do recém-nascido e a interação com o ambiente.

Habilidades Básicas: atividades voluntárias que permitem a locomoção e manipulação em diferentes situações, caracterizadas por uma meta geral. Servem também de apoio para futuras aquisições de habilidades complexas.

Habilidades Perceptivas: atividades motoras que envolvem a percepção do executante através de estímulos visuais, auditivos, táteis, cinestésicos, que ao serem recebidos centros cerebrais superiores, emitem uma decisão como resposta.

Capacidades Físicas: são características funcionais essenciais na execução de uma habilidade motora. Quando estimuladas a se desenvolver, proporcionam melhoria no nível de execução das habilidades.

Habilidades Específicas: atividades motoras voluntárias mais complexas e com objetivos específicos pré-determinados.

Comunicação não-verbal: atividades motoras mais complexas, organizadas de maneira que a qualidade dos movimentos apresentados permita a expressão.

A partir destes dados, verifica-se, de acordo com Campos e Brum (2004), que a aquisição das habilidades motoras básicas, serve de apoio para que a criança tenha uma transição adequada e natural as habilidades motoras especializadas/esportivas.

2.2 GINÁSTICA RÍTMICA (GR)

2.2.1 Características do Esporte

A GR caracterizou-se por substituir os movimentos mecânicos pelos orgânicos, os métricos pelos rítmicos e os de força pelos dinâmicos. A leveza, o ritmo, a fluência e a dinâmica trouxeram amplas possibilidades de se desenvolver a agilidade, a flexibilidade, a graça e a beleza dos movimentos. (MOLINARI, 2002).

A GR utiliza, juntamente com os movimentos corporais, os aparelhos considerados oficiais: corda, arco, bola, maçãs e fita, podendo também executar uma série sem nenhum aparelho (mãos livres). Para o início da prática, utilizam-se os aparelhos considerados como não oficiais, entre estes estão lenços, tecidos, bastões, bandeiras, entre outros. “É importante utilizar materiais de diferentes tamanhos pesos, espessuras, larguras, comprimentos, etc. Essa vivência proporciona um conhecimento amplo...” (BREGOLATO, 2002, p.180).

De acordo com a FIG (Federação Internacional de Ginástica), os aparelhos oficiais possuem movimentos que devem ser utilizados nas séries, são eles os balanceios, lançamentos, rolamentos no solo e no corpo, circunduções, batidas, pequenos círculos, serpentinas, quicadas, movimentos em oito e rotações.

Segundo o código de Pontuação da Federação Internacional de Ginástica os elementos corporais são as bases indispensáveis da Ginástica Rítmica. Porém, estes elementos devem ser sempre realizados em coordenação com o manejo dos aparelhos oficiais. (GAIO, 2007, p.107).

Os elementos corporais são divididos em quatro grupos básicos, saltos, equilíbrios, pivots e flexibilidades. Além destes, outros elementos que também são utilizados nas coreografias são os acrobáticos, deslocamentos, passos rítmicos e elementos de ligação.

Cada um dos aparelhos, citados anteriormente, tem como base um elemento corporal, que durante a coreografia deverá predominar. Estes são chamados pelo Código de Pontuação, de Grupo Corporal Obrigatório (GCO); sendo a corda relativa aos saltos, a bola as flexibilidades, as maçãs os equilíbrios, a fita os pivots e o arco a todos citados anteriormente.

Além destas características, outra fundamental, está relacionada com o ritmo, no qual a música irá compor a ritmicidade das praticantes, bem como, posteriormente a composição coreográfica. Segundo Mori e Deutsch (2005), “na Ginástica Rítmica, a música pode ser utilizada nas aulas desde o processo de iniciação até o treinamento”.

As autoras (op.cit.) ainda reforçam que “a música, no contexto da Ginástica Rítmica, é o suporte para que se tenha uma boa composição. Ela é a inspiração do movimento, ao mesmo tempo em que se encontra condicionada a ele, conseguindo dar ao exercício um caráter próprio e articular”.

2.2.2 História

A Ginástica Rítmica (GR) é uma arte dentro de uma modalidade esportiva, na qual a beleza e a elegância formam uma junção harmoniosa de movimentos e ritmo.

Durante muito tempo, ficou conhecida como Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) e somente a partir do ano 2000 passou a ser chamada por Ginástica Rítmica (GR), oficialmente pela Federação Internacional de Ginástica (FIG).

Essa modalidade começou a ser praticada no final da Primeira Guerra Mundial e não possuía regras específicas. O termo “Rítmica” surgiu em 1946, na

Rússia, (mãe do esporte) em função da utilização da dança e da música durante os movimentos. (MOLINARI, 2002)

O lado artístico da Ginástica Rítmica teve suas raízes lançadas por Delsarte (1811-1871), que caracterizou o seu trabalho pela busca da expressão dos sentimentos através dos gestos corporais. (MOLINARI, 2004).

Mais tarde, o pedagogo suíço, e professor de música Dalcroze (1865-1950), iniciou a prática de exercícios rítmicos como meio de desenvolvimento da sensibilidade musical através dos movimentos do corpo. (MOLINARI, 2004)

Mais especificadamente, o que mais se aproxima da prática tal como ela é concebida atualmente. Bregolato (2002) assim como Iglesias (2005) citam *Rudolf Bode* (1881-1970) que sofreu influência de seu professor *Dalcroze* e continuando seu trabalho deu características e instituiu princípios básicos, como o da contração e relaxamento, que é a própria essência do movimento humano, assim como exploração de espaços e direções, que hoje, constituem a base de deslocamentos da ginástica rítmica.

Posteriormente, Isadora Duncan (1878-1929), seguidora de Bode, adaptou o sistema à dança e levou a antiga União Soviética, e lá iniciou o esporte propriamente dito. (MOLINARI, 2004).

Com relação ao início da prática com aparelhos, o alemão Medau (1890-1974), estudou os exercícios rítmicos e iniciou a introdução dos aparelhos.

2.2.3 Ginástica Rítmica Competitiva

Em seu artigo Caçola e Ladewig (2005), citam Gallahue e Ozumn (2003, p. 115), “as crianças possuem um potencial desenvolvimentista para estar no estágio maduro da maior parte das habilidades motoras fundamentais por volta da idade de seis anos. Sendo assim esta é a idade da qual deveria se começar um trabalho de treinamento na modalidade de GR”.

De acordo com Lourenço (2001),

Primeiramente deve-se preparar o corpo dando ênfase à postura e ao trabalho de flexibilidade que é uma das principais características das atletas deste desporto. A base dos elementos aplicados nesta fase de iniciação são os movimentos do ballet que auxiliam na formação da futura ginasta, mas também devemos ressaltar a importância de paralelamente introduzir os aparelhos específicos que são a corda, arco, bola maçãs e a fita, sempre de

forma lúdica, para que a criança vá se adaptando às características de cada implemento (...)

A ginasta pode competir nas olimpíadas, a partir do ano em que completa 15 anos, ou seja, entre os 15 e 20 anos a atleta deve estar no auge de seu desempenho desportivo (CAÇOLA E LADEWIG, 2005).

Desta maneira, segundo Alonso (2004 apud CAÇOLA E LADEWIG, 2005) a GR é um esporte privilegiado, que por possuir habilidades motoras bem próximas da cultura corporal encontradas nas brincadeiras e nos jogos infantis, favorece desde os cinco anos de idade a possibilidade de ter vivências motoras na GR sem que se inicie a habilidade precocemente.

Atualmente, a ginástica competitiva trabalha sobre dois eixos centrais: individual e conjunto, ambos praticados em um espaço próprio de 13x13m. O primeiro caracteriza-se pela participação de uma ginasta, executando quatro aparelhos exigidos no ano da competição, por isso, a criança/adolescente, obrigatoriamente deve se especializar em todos os aparelhos, e isso só acontece a partir de um trabalho motor bem realizado durante o período de aprendizagem. Já no conjunto, as equipes são formadas por seis ginastas, (cinco titulares e uma reserva) deverão realizar duas apresentações distintas, e obrigatoriamente a reserva deve executar um dos conjuntos.

2.2.4 Ginástica Rítmica na Escola

Na GR escolar, encontramos algumas diferenças, principalmente com relação aos objetivos da prática. Aqui se verifica, de acordo com Gaio,

(...) a necessidade de investirmos nas atividades de Ginástica Rítmica, que consente um empenho do corpo em relação ao espaço, tempo, ritmo, objetos, pessoas, num contexto de comunicação não verbal, produzindo reações afetivo-sociais significantes para a vida do ser humano. (2007, p.105).

Segundo Freire (1989 apud GAIO, 2007, p.63), "Corpo e mente devem ter assento na escola, mas, ambos para transformar, crescer..., e, não, para aprender, outro para transportar". Em outras palavras, corpo e mente que atualmente têm sido erroneamente encarados com duas entidades bifurcadas, na verdade se completam e se justificam com um todo. De acordo com Perroti e Manoel,

(...) pode-se dizer que o comportamento motor é um fenômeno complexo. Uma forma de percebermos isso é começar pela identificação dos domínios que o constituem: cognitivo, afetivo, social e motor. Não há como dizer que um dado comportamento foi exclusivamente cognitivo ou motor. Esses domínios agem de forma integrada no comportamento. (2001)

É fundamental que a importância e os significados das experiências corporais vividas pelas crianças sejam resgatadas, pois é a partir destas experiências que as crianças se desenvolvem, aprendem e vivem (GAIO, 2007).

De acordo com Schinca,

“as experiências vividas a partir do próprio corpo, possibilitam uma captação diferente do mundo, uma apreensão de conceitos que, por haver sido vivenciado, deixam uma impressão mais profunda que os conhecimentos meramente racionais.” (1981, p. 13).

Outra diferença fundamental, de acordo com Gaio (2007), é com relação à forma com que a GR é apresentada: “acreditamos que a forma de apresentação das regras pelo Código de Pontuação dificulta sobremaneira o seu conhecimento. Este é um fator preponderante para a ausência deste esporte nas escolas”. Sendo assim, a ginástica rítmica escolar, visa principalmente, de acordo com a mesma autora, “oferecer aos indivíduos possibilidades de vencerem seus próprios limites corporais, imbuídos de prazer, num ambiente de liberdade e criatividade.”

Desta maneira, pode-se dizer que a Ginástica Rítmica escolar, segundo Gaio (2007), “têm como particularidade a ‘não’ descaracterização da própria modalidade, porém tem como objetivo permitir que o ‘lúdico’ apodere-se das atividades propostas”.

Ainda na mesma idéia, a autora acrescenta:

“os aparelhos oficiais são utilizados, porém, sem normas de tamanho, peso, cor específica, nem tão poucos movimentos obrigatórios fundamentais e necessários. Estes movimentos devem ser executados de maneira espontânea e criativa.”(2007, p.122)

Além disso, pode-se propor também a criação de materiais alternativos, que auxiliam na aquisição dos movimentos específicos propriamente ditos, permitindo ainda a exploração do aparelho através do lúdico.

Sobre este assunto, Bertoline (2005 apud SILVA, 2007) reforça que a utilização desses materiais pode ir além da substituição, estes podem se tornar uma estratégia a mais para as aulas. “A construção e utilização de materiais alternativos

pode representar então uma saída não só para sanar o problema da falta de recursos materiais, mas também para incrementar as atividades e motivar os alunos.”

2.2.5 Ginástica Rítmica no Brasil

A história da ginástica rítmica no Brasil é bastante recente e teve seu início marcado, de acordo com Sarôa (2005), pela Professora Margareth Fröhlich. A austríaca trouxe essa nova modalidade apresentando-a no III e IV Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, de 1953 e 1954, promovido e realizado pelo Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, na cidade de Santos.

Ainda de acordo com a autora, no mesmo período em que Margareth Fröhlich esteve no Brasil, a Professora Ilona Peuker, radicou-se definitivamente no Brasil, desenvolvendo seu trabalho, por meio de cursos e demonstrações, em várias cidades de Norte a Sul, tanto em nível competitivo como educativo. Ilona Peuker foi, durante muitos anos, a melhor ginasta de sua pátria.

Ilona Peuker trazia consigo o sucesso e a experiência na ginástica moderna da Europa, e encontrou no Brasil pessoas com potencial para desenvolver esse trabalho. Em 1956 a professora consolidou o sonho de formar o seu próprio grupo brasileiro, criando o Grupo Unido de Ginástica (G.U.G.), na cidade do Rio de Janeiro. (SARÔA, 2005).

Com a origem desta equipe, surge também a primeira ginasta brasileira, Deise Barros, a competir internacionalmente. A ginasta participou do Campeonato Mundial em 1971, na cidade de Copenhague, na Dinamarca. Dois anos mais tarde, em 1973, a equipe do GUG representou o Brasil no Campeonato Mundial de Roterdã, na Holanda, terminando a competição em 13º lugar.

De acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro, em 1978, surge a Confederação Brasileira de Ginástica e o conseqüente apoio da entidade à ginástica rítmica. A primeira atleta classificada para uma Olimpíada foi Rosane Favilla, nos Jogos de Los Angeles-1984. Em Barcelona, 1992, foi à vez de Maria Cristina Schonhorst marcar presença na competição individual, conseguindo a 41ª colocação entre 43 ginastas que disputaram o evento.

A GR, ainda pouco praticada no Brasil, começou a aparecer na mídia nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg (Canadá) em 1999, quando o Brasil,

representado por atletas desconhecidas dentro do cenário nacional, consagrou-se campeão, trazendo para casa a medalha de ouro na categoria de conjunto. Além disso, o Brasil passou de uma colocação inexpressiva para o 8º lugar nas duas últimas Olimpíadas, em Sydney (Austrália) e Atenas (Grécia)

A mais recente aparição da seleção brasileira foi nos Jogos Olímpicos de Pequim com a apresentação do conjunto de cinco cordas e arco e maçãs.

2.2.6 Ginástica Rítmica no Paraná

De acordo com a Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), encontramos em Londrina o maior centro especializado em Ginástica Rítmica do Paraná. Entre as percussoras deste projeto, esta Elisabeth Laffranchi, que em 1972 fundou o Pólo de Ginástica Rítmica em Londrina e até 1984 treinou a equipe de GR da Universidade Norte do Paraná, sede do esporte durante mais de uma década.

Após 1984, Elisabeth foi substituída por sua filha, Bárbara Laffranchi, que em 1987 foi convidada para dirigir pela primeira vez a Seleção Brasileira de Conjunto no Campeonato Mundial de Varna (Bulgária). Em 1992, a então técnica da seleção brasileira, passou a integrar o Comitê Técnico de Ginástica Rítmica da Federação Internacional de Ginástica (FIG).

A Universidade também é a única do Brasil a ofertar, desde 1997, o Curso de Pós-Graduação em Ginástica Rítmica, que todos os anos têm recebido treinadoras de todo o País e do Exterior. Muitas das atuais técnicas do esporte no Brasil fizeram sua especialização na UNOPAR.

O Paraná mostra-se atualmente um celeiro de talentos da GR. Outro município muito reconhecido é a cidade de Toledo, onde além de diversos títulos nacionais e internacionais, também formou três atletas que hoje fazem parte da Seleção Brasileira, são elas: Angélica Kwieczynski, Ana Paula Scheffer e Nicole Muller.

Atualmente, de acordo com os resultados do Campeonato Brasileiro de Conjuntos de 2007, o Paraná continua sendo um dos estados favoritos, com o maior número de títulos conquistados. Na categoria pré-infantil o Paraná ficou com o 1º e 3º lugar, no infantil com o primeiro, no juvenil mostrou-se favorito, conquistando os 4 primeiros lugares, e na categoria adulta o primeiro novamente. (CBG, 2007).

2.2.7 Ginástica Rítmica em Curitiba

Em Curitiba, a primeira instituição a ofertar a modalidade, foi o Centro Tecnológico do Paraná (CEFET-PR) em 1973. Logo em seguida, o Colégio Estadual do Paraná, também precursor da modalidade, iniciou suas atividades.

De acordo com Iglesias (2005), “Nos últimos quatro anos aumentou o número de escolas que ofertam a modalidade, a grande maioria terceirizou os profissionais.” Segundo a autora, estima-se que no ano de 2005, cerca de 300 crianças estavam praticando a modalidade nas escolas de Curitiba. Atualmente, acredita-se que este número tenha elevado devido aos Jogos Pan Americanos de Winnipeg, quando o Brasil consagrou-se campeão, incentivando desta forma a prática da ginástica no país.

2.2.8 Principais Capacidades Desenvolvidas

De acordo com Ise (2006), “A Ginástica Rítmica desenvolve várias capacidades físicas em suas atletas, como força, agilidade e flexibilidade. Esta última tem grande ênfase neste esporte, sendo muitas vezes chamariz para leigos espectadores e diferencial entre as ginastas”.

Várias definições podem ser encontradas, por diversos autores. De acordo com Alter (1999 apud ISE 2006), flexibilidade é uma “amplitude de movimento disponível em uma articulação ou grupo de articulações”.

Ainda, a mesma autora faz referência a outro autor: “qualidade física responsável pela execução voluntária de um movimento de amplitude angular máxima, por uma articulação ou conjunto de articulações, dentro dos limites morfológicos, sem o risco de provocar lesões” (Dantas 1995, apud ISE, 2006).

Definir flexibilidade é algo mais complexo do que possa parecer a princípio, uma vez que diz respeito às propriedades anatômicas e funcionais do sistema locomotor que possibilita a mobilidade dos segmentos corporais em relação uns aos outros (Matviev, 1986).

A flexibilidade tem grande importância com relação às capacidades motoras dos indivíduos, pois influencia decisivamente em diversos aspectos da motricidade humana, como por exemplo: permite a execução de determinados movimentos que de outra forma seria impossível, permite a execução de exercícios que vão além do

limite máximo do movimento e além de também uma grande conscientização corporal, a partir do momento que os indivíduos fazem exercícios harmônicos e graciosos.

Segundo Rigo (1977), agilidade é a movimentação do corpo no espaço, ou seja, movimentos que incluam trocas de sentido e direção. Para Barbanti (2003, p. 15), é a "capacidade de executar movimentos rápidos e ligeiros com mudanças de direção".

Segundo a Física força é a capacidade de um corpo alterar o seu estado de movimento ou de repouso, criando uma aceleração ou deformação do mesmo.

No âmbito desportivo a força traduz a capacidade de a musculatura produzir tensão, ou seja, aquilo a que vulgarmente denominamos por contracção muscular (Hertohg 1994 apud SILVA, 2004).

3. METODOLOGIA

3.1 SUJEITOS

A amostra se constituiu em 16 meninas entre oito e onze anos completos no ano de 2008, da rede pública de Curitiba, sendo que destas, oito são praticantes de GR e as outras somente participam das aulas de educação física.

3.1.1 Identificação dos Sujeitos

Algumas respostas obtidas através do questionário com os pais/responsáveis são fundamentais para identificação dos sujeitos que participaram desta pesquisa. Estas serão listadas conforme os gráficos a seguir.

GRÁFICO 01 – TEMPO DE PRÁTICA DE GINÁSTICA RÍTMICA

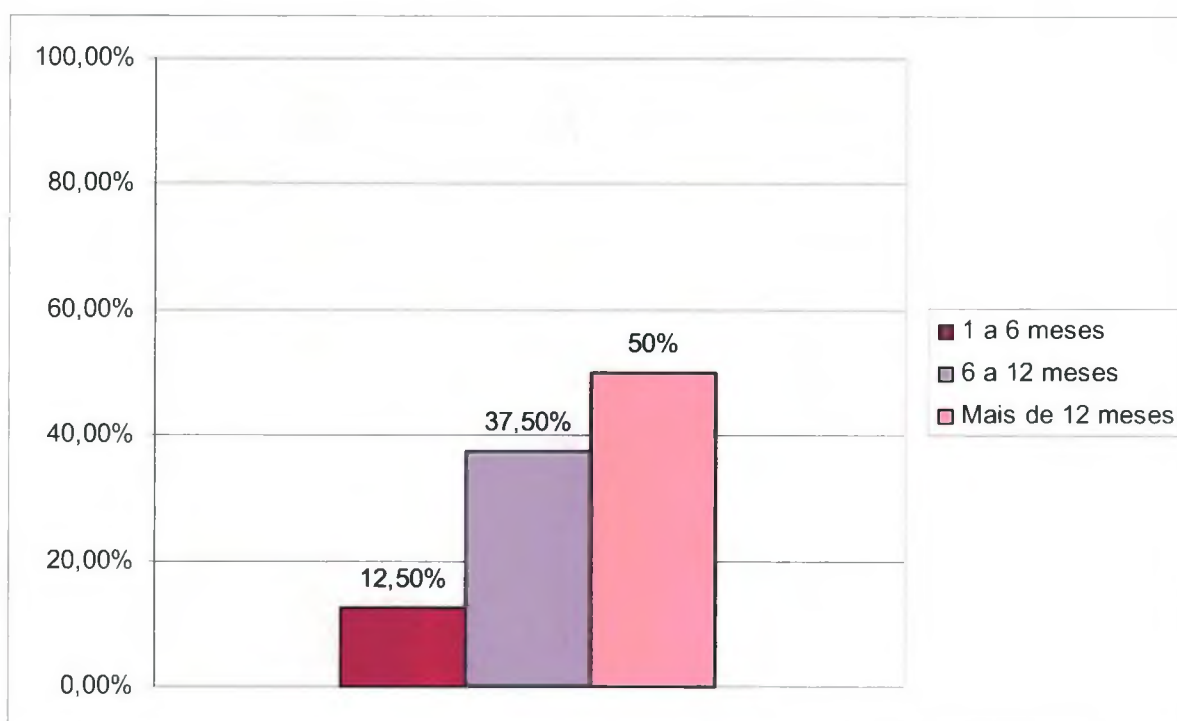


GRÁFICO 02 – PRÁTICA DE OUTRO ESPORTE ALÉM DA GINÁSTICA RÍTMICA

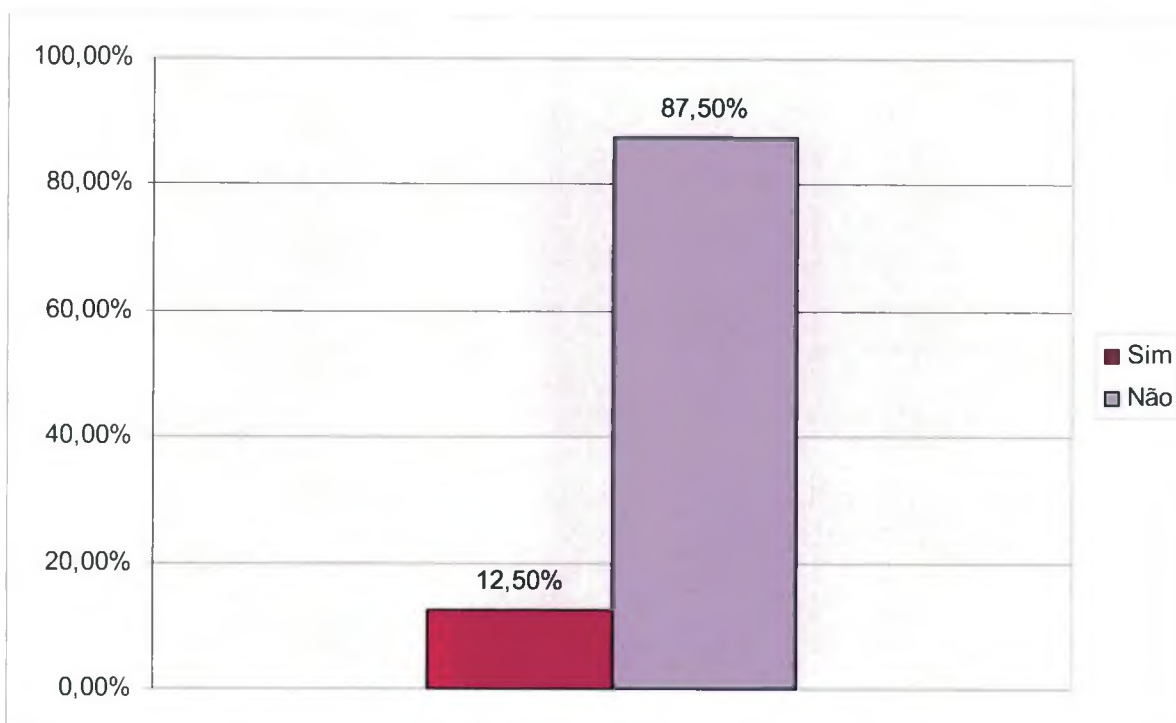
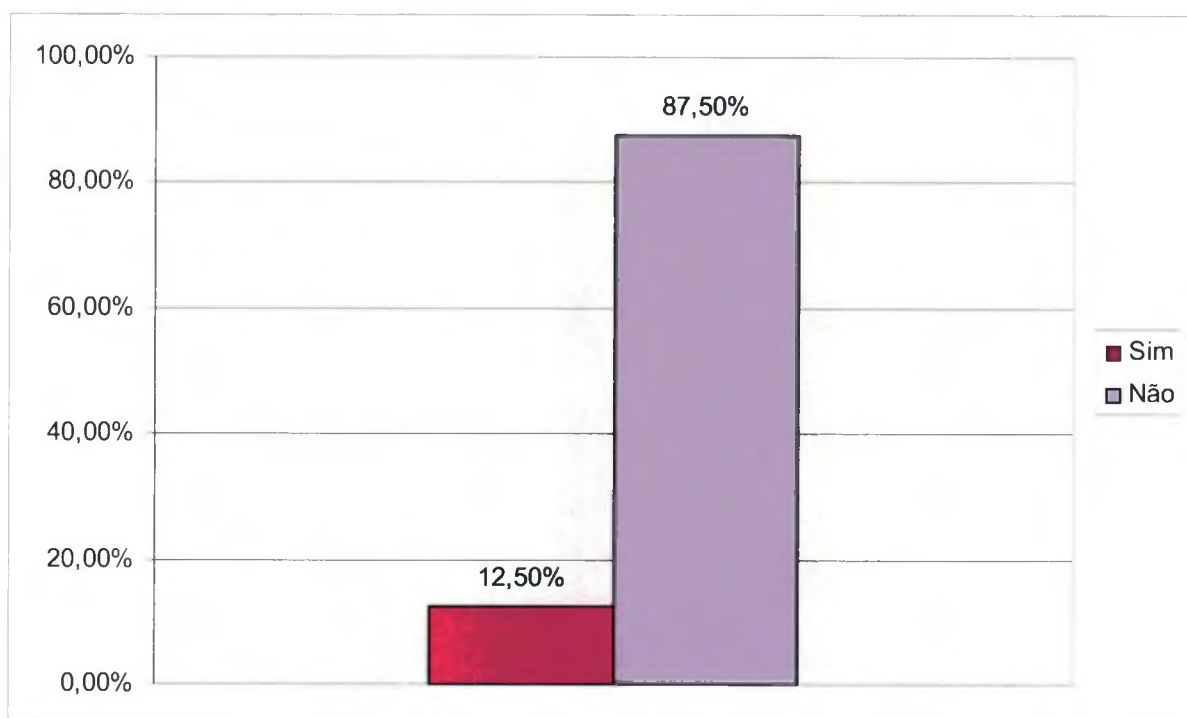


GRÁFICO 03 - PRÁTICA DE ALGUMA ATIVIDADE FÍSICA



NOTA: Questionário aplicado às meninas não praticantes de Ginástica Rítmica

3.2 INSTRUMENTOS

3.2.1 Questionário

Para a coleta de dados, utilizou-se como instrumento, um questionário que de acordo com Richardson (1985), “descreve as características em determinada variável de um grupo social”, composto por questões fechadas abordando dados como idade, sexo, prática de atividades físicas, durabilidade, entre outros. Com este questionário pretendeu-se identificar as principais características cotidianas das avaliadas. (ANEXO 02). Foram utilizados dois questionários distintos, sendo um destinado às praticantes de GR e outro às não praticantes.

Este material de coleta de dados foi validado por profissionais de educação física, sendo eles: Professor Doutor em Comportamento Motor, Professora Mestre em Administração e uma Especialista em Ginástica Rítmica.

3.2.2 Teste de Padrões Motores Básicos de Movimento (TPMB)

O instrumento prático utilizado foi o Teste de Desenvolvimento Motor Grosso, proposto por Ulrich (TGMD-2).

De acordo com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora (2004), o TGMD-2, foi designado a avaliar o funcionamento motor grosso em crianças de 3-10 anos de idade, e tem empiricamente determinado confiabilidade e validade.

Doze habilidades motoras básicas são agrupadas dentro de dois subtestes: controle de objeto e locomotor, cada um avaliando aspectos diferentes do desenvolvimento motor grosso.

3.3 PROCEDIMENTOS

3.3.1 Questionário

Primeiramente foi enviado aos pais das alunas voluntárias um termo de consentimento da pesquisa, bem como uma breve explicação dos testes realizados. Após aceitar participar, os pais e/ou responsáveis responderam o questionário, a fim de auxiliar a pesquisadora a tabular os resultados.

3.3.2 Teste de Padrões Motores Básicos de Movimento

De acordo com o TPMB, o subteste locomotor mede a habilidade motora grossa que requer fluído de movimento coordenado do corpo como uma criança move em uma direção ou outra. Dentre as diversas habilidades oferecidas pelo teste oficial, algumas foram escolhidas a fim de contemplar os movimentos básicos constituintes da Ginástica Rítmica. Estas estão listadas abaixo, sendo a descrição, fiel ao teste.

Correr: capacidade para avançar continuamente aumentando os passos tanto quanto os pés deixam o chão por um instante com cada passo.

Galopar: capacidade para desempenhar um rápido andar natural de três batidas.

Saltar horizontalmente: capacidade para desempenhar um salto horizontal em uma posição estática.

Já o subteste de controle de objeto mede a habilidade motora grossa que demonstra os eficientes movimentos de arremessar, rebater e pagar.

Driblar parado: capacidade de driblar uma bola de basquetebol no mínimo quatro vezes com a mão dominante antes de pegar a bola com ambas as mãos sem mover os pés.

Agarrar: capacidade de agarrar uma bola plástica que foi lançada com mão por baixo.

Anterior à realização do teste, foram feitas os seguintes procedimentos:

1. Fornecimento de informação apropriada para abranger a Ficha de Registro do examinador.

2. Demonstração precisa com descrição verbal da habilidade a ser desempenhada.

3. Fornecimento de uma tentativa prática para assegurar a compreensão da criança.

4. Fornecimento de uma demonstração adicional quando a criança mostrou não ter compreendido a tarefa.

A coleta de dados foi realizada através de filmagem para posterior análise de acordo com os critérios do TPMB. A avaliação dos resultados foi feita por três profissionais de Educação Física, sendo uma Bacharel e Especialista em GR, uma Licenciada Plena e Psicomotricista Relacional , e a última, Graduanda em Licenciatura pela Universidade Federal do Paraná.

Estas preencheram uma ficha (anexo 03) na qual prevalece a seguinte pontuação: 1- possui o critério de performance da habilidade e 0 para não possui o critério de performance da habilidade.

A análise do aproveitamento de cada criança foi expressa em valor percentual, de acordo com os critérios criados pelo Centro de Estudos do Comportamento Motor (CECOM) da Universidade Federal do Paraná, porém não validados, conforme apresentado na tabela 2.

TABELA 02: PERCENTUAL DE APROVEITAMENTO

PERCENTUAL	CONCEITO
90% a 100%	EXCELENTE
80% A 89%	ÓTIMO
70% A 79%	BOM
60% A 69%	REGULAR
50% A 59%	RUIM
Abaixo de 50%	DEFICITÁRIO (comprometimento)

FONTE: CECOM

4. RESULTADOS

4.1 Teste de Padrões Motores Básicos de Movimento

Após o cálculo dos valores percentuais de acordo com os critérios de avaliação do CECOM, a tabela 03 mostra em percentual, o aproveitamento das habilidades motoras básicas das meninas praticantes de Ginástica Rítmica.

TABELA 03: APROVEITAMENTO DAS HABILIDADES MOTORAS BÁSICAS DAS MENINAS PRATICANTES DE GINÁSTICA RÍTMICA.

CRIANÇA	IDADE DECIMAL	HABILIDADES LOCOMOTORAS	CONCEITO	HABILIDADES MANIPULATIVAS	CONCEITO
01	10,25 anos	66,67%	Regular	76,19%	Bom
02	9,25 anos	51,52%	Ruim	52,38%	Ruim
03	8,25 anos	63,64%	Regular	38,09%	Deficitário
04	10,33 anos	51,52%	Ruim	100%	Excelente
05	8,92 anos	60,61%	Regular	66,66%	Regular
06	8,25 anos	63,64%	Regular	52,38%	Ruim
07	8,17 anos	63,64%	Regular	100%	Excelente
08	8,08 anos	60,61%	Regular	76,19%	Bom

Já a tabela 04, mostra o aproveitamento das habilidades motoras das meninas que não praticam Ginástica Rítmica.

TABELA 04: APROVEITAMENTO DAS HABILIDADES MOTORAS BÁSICAS DAS MENINAS QUE NÃO PRATICAM GINÁSTICA RÍTMICA.

CRIANÇA	IDADE DECIMAL	HABILIDADES LOCOMOTORAS	CONCEITO	HABILIDADES MANIPULATIVAS	CONCEITO
09	9,75 anos	63,64%	Regular	28,57%	Deficitário
10	11,75 anos	66,64%	Regular	38,09%	Deficitário
11	10,67 anos	42,42%	Deficitário	28,57%	Deficitário
12	9,50 anos	33,33%	Deficitário	42,85%	Deficitário
13	8,92 anos	75,76%	Bom	57,14%	Ruim
14	9,42 anos	36,36%	Deficitário	76,19%	Bom
15	9,17 anos	63,64%	Regular	42,85%	Deficitário
16	9,33 anos	51,52%	Ruim	57,14%	Ruim

Para melhor visualização dos resultados, a tabela 05 irá mostrar em percentual, a média de cada habilidade motora, comparando os dados das meninas praticantes de GR com aquelas que não participam das aulas.

TABELA 05: MÉDIA PERCENTUAL DE CADA HABILIDADE MOTORA TESTADA.

HABILIDADE	MÉDIA PERCENTUAL PRATICANTES	MÉDIA PERCENTUAL NÃO PRATICANTES
CORRIDA	51,38% Ruim	48,61% Deficitário
GALOPE	62,50% Regular	38,54% Deficitário
SALTO HORIZONTAL	67,70% Regular	70,83% Bom
DRIBLE	56,94% Ruim	52,77% Ruim
RECEPÇÃO DA BOLA	64,68% Regular	39,58% Deficitário

Para efetiva comparação, a tabela 06 irá mostrar a média comparativa de todos os testes realizados, subdividindo-os em locomotor e manipulativo.

TABELA 06: MÉDIA COMPARATIVA ENTRE PRATICANTES E NÃO PRATICANTES COM RELAÇÃO ÀS HABILIDADES LOCOMOTORAS E MANIPULATIVAS.

MÉDIA COMPARATIVA	LOCOMOTORAS	CONCEITO	MANIPULATIVAS	CONCEITO
PRATICANTES	60,23%	Regular	70,23%	Bom
NÃO PRATICANTES	54,16%	Ruim	46,42%	Deficitário

4.2 Análise e discussão dos dados

Após a coleta de dados, pôde-se perceber que de modo geral, através da média comparativa, as crianças não praticantes de Ginástica Rítmica, possuem caráter ruim com relação às habilidades locomotoras, entretanto, seguindo o modelo de Gallahue e Ozmun (2003), a amostra da pesquisa, enquadra-se na Fase Motora Especializada, em que a criança apresenta o desenvolvimento das habilidades básicas em um estágio já maduro.

Contudo, para que haja este estágio mais maduro, vários fatores precisam ser propícios para este desenvolvimento. Segundo Gallahue (1998, p.263), fatores estes, “[...] experimentais, incluindo oportunidades para a prática, encorajamento para o ensino, em ambiente propício ao aprendizado”.

Sendo assim, de acordo com o gráfico três, possivelmente o grande número de conceitos regulares para meninas não praticantes de ginástica, deva-se ao fato de que 87,50% das meninas não praticam atividade física, diminuindo desta forma, as oportunidades para o desenvolvimento das habilidades básicas.

Mais especificadamente com relação às tabelas três e quatro, podemos perceber que, as alunas praticantes de Ginástica Rítmica, destacam-se obtendo em sua maioria, percentuais acima de 60 para habilidades locomotoras. Podemos relacionar estes dados com a estrutura básica da GR, onde segundo Pires (2002), “é possível perceber que as habilidades básicas compreendem os elementos dos grupos fundamentais e outros grupos de elementos corporais deste esporte.” Ou seja, os exercícios executados no teste já fazem parte da cultura da ginástica, sendo de fácil compreensão e execução para as alunas praticantes.

Com relação as habilidade manipulativas, pôde-se perceber, através da comparação de dados entre as tabelas três e quatro, que as meninas que praticam ginástica rítmica possuem conceitos melhores do que as não praticantes. Talvez este fato possa ser explicado por Pires (2002), ao afirmar que, “não diferente do objetivo e finalidade do esporte, a utilização dos aparelhos busca também a educação integral do indivíduo, formando e harmonizando a sua personalidade, desenvolvendo assim, a agilidade, a flexibilidade e a habilidade através de movimentos de graça, beleza e leveza”.

A tabela cinco mostra mais detalhadamente a média de cada habilidade motora testada, comparando as praticantes com as não praticantes. Na corrida, pôde-se perceber que as ginastas obtiveram o conceito ruim com uma porcentagem de 51,38%; este fato talvez possa ser explicado, pois a “corrida” da ginástica rítmica

deve ser executada sobre a meia-ponta dos pés, ao contrário da proposta do teste. Sendo assim, apesar da instrução anterior ao teste para que se executasse calcanhar, planta e ponta dos pés, as ginastas a executaram sobre a meia-ponta, obtendo, em sua maioria, nota zero no item contato.

No saltito galope, também se obteve melhores resultados com as ginastas. Estes dados podem ser explicados, como já citado anteriormente, devido aos movimentos do teste locomotor já fazerem parte da cultura do esporte, sendo chamados de elementos fundamentais da GR, assim como explica Pires (2002): “O código de pontuação divide-os em dois grupos: o grupo fundamental, que são os saltos, os pivots, os equilíbrios e os elementos de flexibilidade, e os outros grupos que são os deslocamentos variados, balanceios, as ondas, as circunduções, os saltitos e os giros.”

Róbeva e Rankélova (1991) afirmam que “os saltos são a parte mais difícil da técnica sem aparelhos. Aprendem-se depois das lições de força, elasticidade, direção das pernas, e adquiridos o hábito da correta postura atlética”. , Pires (2002) complementa: “Contudo, a base para as especificidades deste elemento são as habilidades básicas de saltos e saltitos”, mostrando mais uma vez a presença destes exercícios no cotidiano das aulas de ginástica rítmica, pois para aprender-se as técnicas de saltos, é necessário um aprendizado anterior sobre saltitos, no qual o galope se encaixa.

Outra questão relevante diz respeito ao tempo de prática do esporte. Através do gráfico um, pode-se observar que 50% da amostra pratica a GR a mais de doze meses, sendo assim, possivelmente as ginastas obtiveram os melhores resultados, tendo em vista que o saltito galope é um dos primeiros exercícios a serem ensinados.

No requisito salto horizontal as meninas não praticantes alcançaram melhores resultados, atingindo o conceito bom. Talvez a concepção regular para as meninas praticantes de ginástica, deva-se ao fato de que os saltos da ginástica rítmica precisam ser executados com máxima altura vertical, conforme a Fig (2005): “os saltos devem ter as seguintes características: uma boa altura (elevação do solo), uma forma definida e fixada durante o vôo e uma boa amplitude na sua forma”. Desta maneira, a principal exigência para os saltos é a sua altura vertical e não horizontal como pedido no teste realizado.

Além disso, as ginastas confundem o salto horizontal com o chamado salto grupado existente no Código de Pontuação de GR (2005), onde é necessário flexionar os dois joelhos. Sendo assim, é possível que essa baixa porcentagem deva-se também a essa confusão de exercícios, pois se percebeu que a grande maioria das meninas praticantes de GR flexionou os joelhos durante a execução do exercício.

No subteste manipulativo, os resultados continuaram a mostrar as alunas praticantes de GR em evidência. No drible pode-se dizer que o melhor desempenho das ginastas em relação as não praticantes deva-se ao fato de que na GR os aparelhos (corda, arco, bola, maçãs e fita) constituem cerca de 40% da aula.

Outro ponto a ser considerado é a presença de diversas possibilidades manipulativas propostas pelo Código de Pontuação (2005), que desenvolvem segundo Domingues e Santos (2006), “lateralidade, percepção espacial, dinamismo, criatividade e expressão corporal por intermédio dos movimentos”. Dentre essas possibilidades de movimentos, podemos encontrar o drible e a recepção de bola, que em termos mais específicos são chamados de quicadas rítmicas e recuperação respectivamente.

Perante a tabela seis, pôde-se perceber que dentre as diversas habilidades testadas, as praticantes de ginástica rítmica apresentam as melhores médias, mostrando, mais uma vez a influência positiva no desenvolvimento motor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ginástica Rítmica ainda é um esporte pouco conhecido no âmbito esportivo brasileiro, sendo assim, são poucas as pesquisas realizadas dentro desta área, principalmente relacionando-a com os estudos de desenvolvimento motor da criança.

No início desta pesquisa buscou-se identificar as principais características da GR em todos os seus campos de trabalho, bem como as questões históricas. Além disso, a estrutura do desenvolvimento motor na faixa etária de 8 a 10 anos também foi detalhada de forma a contemplar todas as possibilidades de movimento corporal presentes na ginástica.

Em um segundo momento foram realizados testes de padrões motores básicos a fim de mostrar em números, a influência da ginástica rítmica no desenvolvimento motor de meninas. Com estes dados foi possível perceber que na grande maioria dos casos, as praticantes de GR apresentam maior facilidade em executar os movimentos propostos de forma correta.

Talvez esta facilidade possa ser relacionada ao fato da ginástica rítmica trabalhar com os padrões básicos de movimentos durante toda a sua prática. Inúmeros são os exercícios locomotores que auxiliam no desenvolvimento motor da criança, pois, independente do movimento a ser executado, as ginastas são sempre ensinadas a trabalhar a lateralidade, a postura, e a finalização dos exercícios, fatores estes que pesaram de forma positiva nos testes realizados.

Da mesma forma, as habilidades motoras básicas de manipulação contribuem de forma positiva para o desenvolvimento motor das crianças, pois são infinitos os movimentos que podem ser realizados com os aparelhos da ginástica. Além disso, em um estágio mais avançado, estes exercícios são trabalhados em consonância com as habilidades locomotoras básicas, formando um conjunto harmonioso.

Além disso, dentre as cinco habilidades testadas podemos encontrar, de forma modificada, quatro delas presentes no cotidiano da GR (corrida, galope, drible e recepção). Estes exercícios são modificados de forma a contemplar algumas exigências da ginástica rítmica, presentes no código de pontuação. Uma destas é a execução e a finalização dos exercícios sobre a meia-ponta dos pés, exemplificando, desta maneira, algumas das deficiências encontradas nos resultados dos testes.

Através da execução e análise dos testes, percebeu-se ainda que o tempo de prática da modalidade também influencia o bom desempenho das habilidades testadas, pois cerca de 50% das ginastas, já praticam a ginástica rítmica a mais de doze meses.

Em síntese, pode-se considerar que a ginástica rítmica, além de ser uma prática esportiva de beleza e graciosidade, também influencia positivamente no desenvolvimento motor de suas praticantes. Através de exercícios simples, do cotidiano deste esporte, as meninas desenvolvem-se tanto na parte locomotora quanto na manipulativa. Além disso, apesar da ginástica rítmica ser ainda um esporte pouco conhecido no Brasil, sua prática tem difundindo-se cada vez mais, angariando ginastas em todo o país.

7. REFERÊNCIAS

BARBANTI, V. J. **Treinamento físico: bases científicas**. 3. ed. São Paulo: CLR Balieiro, 1996.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura Corporal da Ginástica: livro do professor e do aluno**. V.2. São Paulo: Ícone, 2002. (Coleção Educação Física Escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico crítico-social).

CAETANO, Maria Joana Duarte; SILVEIRA, Carolina Rodrigues Alves, GOBBI, Lilian Teresa Bucken. **Desenvolvimento Motor de pré-escolares no intervalo de 13 meses**. Ver. Brás. Cineantropom. Desempenho. Hum. Rio Claro: Laboratório de Estudos da Postura e da Locomoção, 2005, p. 05-13.

CAÇOLA, Priscila. LADEWIG, Iverson. **A utilização de dicas na aprendizagem da Ginástica Rítmica: Um estudo de revisão**. Lecturas: Educación Física y Deportes, v. 82, abr. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 27 jul 2008.

CAMPOS, Wagner de; BRUM, Vilma Pinheiro da Cruz. **Criança no Esporte**. Curitiba, 2004.

CAMPOS, Wagner de. Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, n. 3, p.135-140, 2004.

CBG- **Confederação Brasileira de Ginástica**. Disponível em www.cbginastica.com.br. Acesso em 01 jul. 2008.

FAVARO, Suzana Otilia Vilas Boas. **Desempenho técnico das atletas de ginástica rítmica de Guarapuava – PR em período pré e pós competitivo**. 2007. Trabalho de conclusão de curso – Universidade do Centro-Oeste, Guarapuava, 2007.

FPRG- **Federação Paranaense de Ginástica**. Disponível em www.fprginastica.com.br. Acesso em 01 jul. 2008.

GAIO, Roberta. **Ginástica Rítmica “popular”**. 2. ed. Jundiaí, SP : Editora Fontoura, 2007.

FIG- Federação Internacional de Ginástica. **Código de Pontuação de Ginástica Rítmica**. Versão 2005, 16-85.

GALLAHUE, David; OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Phorte, São Paulo, 2001.

IATCHUK, Marina Rugani. **Estudo comparativo do desempenho motor em crianças de níveis sócio-econômicos diferentes, no início da escolaridade**. 1993. 174p. Dissertação (Mestrado em Educação na Área de Psicologia Educacional) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1993.

IGLESIAS, Pauline Peixoto. **Ginástica Rítmica da Escola: uma proposta prática**. 2005. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

LAFFRANCHI, Bárbara. **Treinamento Desportivo Aplicado à Ginástica Rítmica**. Londrina: UNOPAR Editora, 2001.

LOURENÇO, Márcia Regina Aversani. **O Brasil descobre a GRD**. Londrina, s/d.

LOPES, Vítor Pires. **Desenvolvimento Motor: Indicadores Bioculturais e Somáticos do rendimento motor em crianças de 5/6 anos**. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Motricidade Humana da UTL, Bragança, 1993.

MAGILL, Richard. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Blucher, 2000.

MOLINARI, Ângela Maria da Paz. **Ginástica Rítmica: Esporte, História e Desenvolvimento**. 2002. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/esportes4.htm>
Acesso em 25 abril 2008.

MOLINARI, Ângela Maria da Paz. **Ginástica Rítmica: Esporte, História e Desenvolvimento**. Cooperativa do Fitness. 2004. Disponível em site: www.cdof.com.br/esportes4.htm. Acesso em 26 Jun 2008.

MATVÉIEV, Lev P. **Fundamentos do Treino Desportivo**. Portugal: Livros Horizonte Lda, 1986.

MORI, Patrícia; DEUTSCH, Silvia. **Alterando estados de ânimo nas aulas de Ginástica Rítmica com e sem a utilização de música**. Revista Motriz, Rio Claro, v.11 n.3 p.161-166, set./dez. 2005.

NETO, Antonio Stabelini; et al. **Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, n. 3, p. 1-6, 2004.

SCHINCA, m. **Psicomotricidade, ritmo e expressão corporal**. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

PIRES, Veruska. **Ginástica Rítmica: um contributo pedagógico para as aulas de Educação Física**. 2002. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002.

PERROTTI, Andrea Caccese; MANOEL, Edison de Jesus. **Uma visão epigenética do desenvolvimento motor**. Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília v. 9 n. 4 p. outubro 2001 p.78.

RIGO, L. **Preparação Física**. São Paulo: Global, 1977.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RÓBEVA, Neska; RANCRÉLOVA, Margarita. **Escolas de campeãs**. São Paulo: Editora Ícone, 1991.

SANTOS, Suely; DANTAS, Luiz; OLIVEIRA, Jorge Alberto. **Desenvolvimento Motor de crianças, de idosos e de pessoas com transtornos da coordenação**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.18, p.33-44, ago.2004.

SAROA, Giovanna. **A história da ginástica rítmica em Campinas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, Rodrigo da. **O treinamento de força na manutenção da saúde**. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd70/forca.htm>. Acesso em 02 jun. 2008.

SILVA, Valdicéia Siqueira. **A Ginástica como conteúdo integrante da educação física escolar nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2007. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em <http://www.cob.org.br/>. Acesso em 01 jul. 2008.

TANI, Go, et al. Educação Física Escolar: **Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

UNOPAR- **Universidade Norte do Paraná**. Disponível em www2.unopar.br . Acesso em 25 jul.2008.

ULRICH, Dale A. **Test of Gross Motor Development**. Pro-Ed. Austin, TX, 1985.

ANEXOS

ANEXO 01



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Direção do Setor



Curitiba, 09 setembro de 2008.

A

Escola Municipal Papa João XXIII

Att. Professora Adriana Mensa

Curitiba, PR

Prezada Diretora:

Encaminhamos esta solicitação com a finalidade de verificar a possibilidade de termos acesso a esta instituição de ensino para a execução do projeto de pesquisa intitulado: “ *O perfil dos padrões motores de meninas que praticam ginástica rítmica na escola*”, que será conduzida pela acadêmica Bárbara Chinaglia Tagata, sob a supervisão do Professor Cláudio Portilho Marques, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Para tanto, necessitamos de sua liberação para realizar com as alunas desta instituição as seguintes avaliações: preenchimento de um questionário relacionado ao estilo de vida das crianças e teste para análise do desenvolvimento motor.

Garantimos o total anonimato das avaliadas e da escola durante toda a pesquisa e que os procedimentos metodológicos em nenhum momento colocarão as alunas em risco físico ou emocional.

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada.

Bárbara Chinaglia Tagata

Claúdio Portilho Marques

ANEXO 02



Questionário

Este questionário é destinado aos senhores pais das alunas participantes da pesquisa "*Desenvolvimento motor geral de meninas*", e tem por objetivo identificar as principais características cotidianas de sua filha. Desde já agradeço a atenção.

Nome da aluna: _____

Data de nascimento: _____

Série e turma: _____

1. Sua filha pratica alguma atividade física?

Sim Não

Se sim, qual (is)? _____

2. Se sim, quantas vezes por semana?

1 2 3 Mais

Quantas horas ou minutos por aula? _____

3. Há quanto tempo?

1 a 6 meses

6 a 12 meses

Mais de 12 meses

4. Sua filha já praticou algum tipo de ginástica, dança ou ballet?

Sim Não

Se sim, especifique o tipo de atividade: _____

5. Se sim, por quanto tempo?

1 a 6 meses

6 a 12 meses

Mais de 12 meses

Eu, _____, declaro para os devidos fins que as afirmações acima são verdadeiras.

Ass: _____



Questionário

Este questionário é destinado aos senhores pais das alunas participantes da pesquisa “*Desenvolvimento motor geral de meninas*”, e tem por objetivo identificar as principais características cotidianas de sua filha. Desde já agradeço a atenção.

Nome da aluna: _____

Data de nascimento: _____

Série e turma: _____

6. Há quanto tempo sua filha pratica Ginástica Rítmica?

() 1 a 6 meses

() 6 a 12 meses

() Mais de 12 meses

7. Sua filha já praticou algum tipo de outro tipo de ginástica, dança ou ballet?

() Sim () Não

Se sim, especifique _____

8. Se sim, por quanto tempo?

() 1 a 6 meses

() 6 a 12 meses

() Mais de 12 meses

9. Sua filha pratica outro esporte além da Ginástica Rítmica?

() Sim () Não

Se a resposta for sim, por favor, indique qual e quantas vezes por

semana: _____.

Eu, _____, declaro para os devidos fins que as afirmações acima são verdadeiras.

Ass: _____

ANEXO 03

PADRÕES MOTORES DE CRIANÇAS PRATICANTES DE GINÁSTICA RÍTMICA
 NA ESCOLA NA FAIXA ETÁRIA DE 8 A 10 ANOS
 AVALIAÇÃO MOTORA – TESTE DE PADRÃO MOTOR BÁSICO (TPMB) (adaptado
 de ULRICH, 2001)

IDENTIFICAÇÃO: CRIANÇA	DATA DE NASC.	SEXO:
------------------------	---------------	-------

Habilidades motoras básicas de locomoção

HABILIDADE	CRITÉRIOS DE EXECUÇÃO	RESULTADO
CORRIDA	1. Fase de vôo definida.	
	2. Braços em oposição aos pés, cotovelos semi-flexionados.	
	3. Contato: calcanhar, planta e ponta dos pés.	
GALOPE	1. Pé de liderança seguido pelo outro (sem cruzar).	
	2. Fase de vôo definida	
	3. Braços flexionados na altura da cintura (80° a 100°).	
	4. Capaz de liderar com os dois pés.	
SALTO HORIZONTAL	1. Movimento preparatório (flexão dos 2 joelhos e braços estendidos para trás).	
	2. Braços se estendem para frente e para cima.	
	3. Saída e aterrissagem com os 2 pés.	
	4. Braços para baixo na aterrissagem (à frente do corpo).	

Habilidades motoras básicas de manipulação:

HABILIDADE	CRITÉRIOS DE EXECUÇÃO	RESULTADO
DRIBLAR PARADO	1. Contato com a bola na altura do quadril.	
	2. Empurra a bola com a ponta dos dedos.	
	3. Contato da bola na frente ou ao lado do corpo com total controle.	
RECEBER A BOLA NA ALTURA DO PEITO	1. Fase de preparação (cotovelos flexionados e mãos na frente do corpo).	
	2. Extensão dos braços para o contato.	
	3. A bola é controlada somente pelas mãos.	
	4. Flexão dos cotovelos para absorver a força.	